

*Discurso na cerimônia de comemoração  
dos 50 anos da Câmara de Comércio  
Árabe-Brasileira*

SÃO PAULO, SP, 16 DE AGOSTO DE 2002

*Senhor Deputado Walter Feldmann, Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo; Senhores Embaixadores dos países árabes aqui presentes; Parlamentares; Meu caro Paulo Atalla, Presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira; Walid Yazigi, Presidente do Conselho Superior da Câmara de Comércio; Senador Romeu Tuma; Tantos amigos aqui presentes; Senhoras e Senhores,*

Eu me lembro bem da hospitalidade com que fui recebido, há 10 anos, pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, por ocasião da celebração do seu quadragésimo aniversário. E, de passagem, anos idos, aqui, olhei e disse: “Meu Deus, o tempo passou, era bem mais moço.”

Na época, era Ministro das Relações Exteriores, quando visitei a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. Hoje, venho como Presidente da República, e muita coisa mudou de lá para cá. Não me refiro às atribuições minhas, mas mudou muita coisa na própria realidade brasileira, como o Paulo tão bem lembrou, com o fortalecimento da democracia, a estabilização da economia, as reformas e os avanços que pude-

mos fazer, como aqui também já foi dito, com melhoria progressiva dos nossos índices sociais.

Também a situação internacional, hoje, é outra com o reforço da interdependência dos Estados e, simultaneamente, com a emergência de problemas, como exemplos a famosa volatilidade do capital financeiro e as novas preocupações na área de segurança.

Atualmente, o Brasil vive a expectativa de um processo eleitoral, que traduz a solidez das nossas instituições democráticas. E, ao mesmo tempo, ressurgem turbulências nos mercados, que nos dão trabalho, mas não nos abatem nem nos fazem perder o rumo.

As palavras do nosso Presidente da Câmara, o Paulo Atalla, mostram bem esse sentido de compromisso com o País, com os próximos 50 anos, de fidelidade de todos nós a este país, que é nosso.

Eu ouvi, com emoção, as palavras finais do Paulo, em que ele dizia que os avós dele vieram para cá, mas os pais dele, os filhos, os netos, os bisnetos, de origem árabe, vão continuar a ser brasileiros. E eu pensava: “Que coisa bonita uma comunidade que desafiou o futuro, aventurou-se, veio para cá, enraizou-se e continua guardando raízes!”

Eu acho que isso é que é a grandeza do Brasil. É que as comunidades se deslocam para cá, se transformam, são brasileiras e, ao mesmo tempo, guardam suas raízes.

Eu pensava até com uma ponta de inveja, porque só tenho, lá longe, um bisavô português. O resto tenho que ir ao século XVIII para descobrir de onde vieram. Em geral, um pouco é mouro, um pouco, quem sabe, é árabe, da Espanha, quem sabe de Portugal, quem sabe mistura com índio e com quem mais, quem sabe. Mas, não tenho essa sensação, que me parece boa, de ter uma relação mais próxima com quem aderiu ao Brasil. E aderir será mais forte do que nascer, porque foi uma escolha. Eu não tive escolha, estou feliz por outros terem feito a escolha. Mas não posso ter essa mesma sensação, que talvez junte vocês mais ao País do que possa parecer aos que vêm de fora, porque essa dupla referência, na verdade, engrandece os dois lados, engrandece a referência originária e engrandece o fato de que se sentem não repatriados, mas na própria pátria aqui, no Brasil. E é verdade que assim nós todos nos sentimos.

Por isso, eu dizia, as turbulências não abatem nossa disposição de não perder o rumo, porque o País está amadurecido, está consolidando suas conquistas, está cada vez mais confiante para enfrentar os desafios.

A nossa cultura política evoluiu bastante. Somos capazes de tratar questões importantes de forma suprapartidária. E muitas questões de forma suprapartidária, especialmente no momento em que estão em jogo os interesses do País e da própria sociedade. E, no momento oportuno, sabemos, também, ter nossas posições partidárias, mas sabemos que sobre elas pesa um compromisso com o País.

Isso mostra que a cultura política brasileira avançou e que nós vamos seguir adiante. É claro, como já disse, que muita coisa mudou desde 92. Mas, o que não mudou – eu vejo isso agora, vivamente, aqui – foi o espírito acolhedor da comunidade árabe-brasileira.

É verdade. Essa comunidade é uma família. É uma comunidade que é carinhosa, é uma comunidade que é trabalhadora, é uma comunidade que tem características que, talvez, sejam de empatia com o próprio jeito nosso, dos que não somos árabes. Por isso, é tão fácil essa integração.

Esse espírito acolhedor eu sinto de novo, agora, aqui, como senti hoje de manhã, quando fui ao Hospital Sírio-Libanês. Na verdade, essa integração à vida paulistana trouxe uma folha de serviços imensa, por parte da comunidade árabe.

Esse meio século de Câmara de Comércio é um exemplo eloqüente do quanto a comunidade de origem árabe tem contribuído para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

É só recordar os nomes que aqui foram desfilados como presidente da Câmara, assim como a expressão de muitos outros cujos nomes não foram citados, para que percebamos o significado e a importância da comunidade árabe para São Paulo e para o Brasil.

Houve, realmente, um impulso muito grande no comércio do Brasil com o mundo árabe. E o Governo vê a comunidade árabe como uma aliada indispensável ao nosso esforço de aumentar e diversificar as nossas exportações. Os dados já foram aqui referidos: 4 bilhões e 600 milhões de dólares, de um lado e de outro. Ainda é muito pouco para um país que tem um PIB de 550 a 600 bilhões. Ainda exportamos

muito pouco e importamos muito pouco. O futuro é exportar mais e importar mais.

Às vezes, fico vendo pessoas preocupadas porque o Brasil tem financiamento externo. Qual é a empresa que não busca financiamento para crescer? Qual é a família que, quando quer comprar uma casa, não faz um empréstimo? A questão é saber se usou bem o dinheiro que foi emprestado e se garante as condições da continuidade do pagamento.

Mas, no mundo de hoje, precisamos exportar mais, dever mais e pagar direito. É assim que o mundo progride. Não é ensimesmandos dentro de nós próprios, cortando relações de exportação, de financiamento, de comércio. Ao contrário, é tendo a capacidade de crescer. E, para isso, vamos precisar intensificar, e muito, os nossos contatos e o nosso comércio com os países árabes, e não só com os países árabes.

Já foi dito aqui que o Itamaraty, a Apex e a Camex, pelo menos, têm enviado missões empresariais aos países árabes, com muito sucesso. Não quero repetir o que já foi dito pelo fórum empresarial, que se reuniu no Rio de Janeiro, sobre a importância da visita do Príncipe Abdullah, e o que decorre daí e o que decorre desses contatos imensos que temos com o mundo árabe. Isso tudo mostra que estamos aproveitando para competir mais, para aprender e para avançar.

É claro que é fundamental, para que possamos fazer isso com sucesso, que continuemos a reduzir o chamado custo Brasil e a aumentar a produtividade da economia brasileira. Estamos cuidando disso. Quando se olham os dados, vê-se que o aumento de produtividade física do trabalho foi enorme no Brasil, nestes 10 anos – foi enorme.

Quando se vêem os dados numa linha de evolução, numa série, apesar de todas as turbulências, que foram tantas – eu disse várias vezes isso, desde que assumi o Governo e creio que foram cinco crises internacionais, em oito anos: crise do México, no começo, crise da Ásia, em 97, crise da Argentina, crise da Rússia, crise dos Estados Unidos, crise do Brasil; só, em 96 e em 2000, não houve crise, não houve turbulência, e, não por acaso, foram os anos em que a economia mais cresceu: 4,5%, quase 5%; nos outros anos, é claro que é difícil –, mas, ainda assim,

quando se acumulam os dados desde o Plano Real até hoje, o crescimento do produto brasileiro foi de 31%.

Os brasileiros se esquecem desses detalhes, quando, no passado, em muitos momentos, crescemos 7%. No ano seguinte, cai 2%, cai 3%. Agora, eventualmente – eu gostaria que o País tivesse crescido mais –, não cresceu tão rapidamente, mas não houve crescimento negativo em nenhum ano. *Per capita*, um ano, mas, em termos brutos, nenhuma vez. E, quando se acumula, dá 31%. É claro que nós gostaríamos de ter dobrado. Por que não? Só sabe Deus as dificuldades que se tem que enfrentar para avançar.

Mas, de qualquer maneira, quero lhes dizer que, de fato, devemos muito ao esforço que está sendo feito pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira e pela comunidade. Os árabes vieram no começo do século XX, no século passado. Mas já, no século XIX, chegaram os primeiros fluxos de sírios e libaneses. Os primeiros vieram do que se chamava, então, a Grande Síria, o Líbano e a Síria de hoje. Vieram cristãos e mulçumanos. Eles chegaram aqui e se espalharam do Amazonas ao Rio Grande do Sul. É uma comunidade que se espalhou no Brasil inteiro, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. E foram de imensa valia para o comércio, para as artes, para a cultura e, como já foi dito aqui, para a atividade política. O número de governadores de estados brasileiros de origem árabe é imenso. Sempre temos vários. O Congresso, não sei, mas 10%, pelo menos, deve ser de origem árabe. É mais do que proporcional à população.

Ora, é claro que houve muitas colaborações que dependeram de esforço pessoal, que não foram poucas. Mas o fato de que houve essa cooperação ajudou-nos a firmar o Brasil como sociedade plural, que é integrada e coesa, mas é plural. Acho que isso é muito importante. Talvez sejamos, hoje, certamente, a maior população de origem árabe do mundo fora do Oriente Médio e do Norte da África. É aqui que está a maior comunidade.

Agora, ela está aqui ao lado de várias outras comunidades. Deve ser uns 10 milhões de árabes e de descendentes. Mas é outro tanto de alemães. São 25 milhões de italianos. São, mais ou menos, 12 milhões de

espanhóis, 1,5 milhão de japoneses. Temos lituanos e quase 1 milhão de poloneses. Ibéricos, a imensa maioria; africanos... Isso é que mostra, realmente, essa diversidade, esse pluralismo do Brasil, que é algo que nos deixa muito contentes, porque esse pluralismo nos dá essa plasticidade cultural, que nos permite conviver alegremente com pessoas de origens diversas, mas que se fundem na convivência nacional.

Eu disse, em uma vez em que estive com o Presidente Bush – eu estava com o Ministro Celso Lafer e falávamos a respeito do conflito no Oriente Médio: “Olha, Presidente, o Ministro, aqui, do Brasil, é de origem judia e o nosso Secretário-Geral do Itamaraty é árabe, é de origem síria. E, aqui, não queremos saber se um é judeu e se o outro é sírio. Os dois são brasileiros, os dois são ciosos de suas origens, trabalham como brasileiros e convivem como todos nós convivemos.” O nosso Presidente da Assembléia não sei se é judeu ou se é árabe. E ninguém quer saber. Por quê? Ninguém quer saber, no sentido de que não quer fazer disso um fenômeno de isolamento. Quer, sim, saber, para fazer disso um motivo de orgulho, de mostrar que temos gente de toda a procedência e convivemos amistosamente, na paz, na concórdia, tratando de fazer com que o País avance.

Não são muitos os países que podem ter essa convivência plural e tê-la com a satisfação que temos. Há muitos países que têm. Mas têm cada um a seu modo. Aqui, cada um tem o seu modo, mas todos nós temos o mesmo modo. No fundo, depois de algum tempo, fica difícil saber a que cultura se pertence. E, quando se vai à casa de alguém como eu, que não tem origem estrangeira próxima, de repente estamos comendo quibe e, no outro dia, pizza ou macarronada, e por aí vai, quando não se come uma comida de inspiração alemã e se pensa que é brasileira, porque é brasileira, porque nos apossamos dessas diferenças como se fossem nossas, porque passam a ser nossas.

Então, acho que podemos dizer que São Paulo é uma das maiores cidades da Líbia e da Síria. Não sei se haverá muitas cidades na Líbia e na Síria com templos árabes como tem São Paulo. A mesma coisa posso dizer quanto à indústria alemã no Brasil. Não há nenhuma cidade na Alemanha que tenha o mesmo número de indústrias alemãs como te-

mos na Grande São Paulo. Nenhuma cidade da Alemanha tem mais indústria alemã do que tem no Brasil, nem na Suécia. Quer dizer, essa característica nossa nos leva também a sermos inclinados a buscar a cooperação em toda parte. Achamos que é possível encontrar sempre solução para conflitos.

É por isso que as palavras do Doutor Paulo Atalla são as palavras do Governo do Brasil. Ele apenas fez ecoar aquilo que nós pensamos. Mas nada justifica que o Oriente próximo continue sujeito a uma espiral de violência, que se prolonga já, há demasiado tempo, com a dor e o desespero dos palestinos e israelenses. Acho que chegou a hora de interromper essas atrocidades, como as que vêm ocorrendo com frequência, de lado a lado. Não dá mais.

Creio que o Brasil pode colaborar. O Brasil está disposto a colaborar efetivamente, de alguma forma, para as negociações de paz.

Vou fazer uma confissão de algo que nunca disse, porque não era oportuno. Não faz muito tempo, o Primeiro-Ministro do Canadá me telefonou para perguntar se o Brasil apoiaria o estabelecimento de uma pequena força militar para manutenção de uma área de paz sobre a questão das águas na região em conflito. Eu disse ao Primeiro-Ministro que eu não tinha feito consulta ainda, que isso dependeria do Congresso, mas que eu tinha certeza de que, se fosse para a paz no Oriente Médio, o Brasil estaria disposto até mesmo a mandar tropas.

É claro que a nossa ação é limitada. Temos uma influência muito limitada sobre as partes em conflito. Mas creio que esse exemplo aqui referido, que está simbolizado, hoje mesmo, aqui entre nós, mostra que temos a capacidade de dar alguma colaboração nessa matéria.

Assim como fomos protagonistas, em 1948, na formação do Estado de Israel, nós, agora, com muita ênfase, reclamamos passos concretos para a criação de um Estado palestino, democrático, coeso e economicamente viável.

Eu acho que a existência de Israel como Estado soberano, livre, seguro é condição de paz, mas a condição de paz é, também, o reconhecimento da autodeterminação do povo palestino e a existência de um Estado com todas as características de um Estado soberano.

Sei que isso seria fundamental para desanuviar as tensões, em escala global. Vejam os exemplos de 11 de setembro. Eu tenho insistido em que não podemos monopolizar a agenda internacional apenas com questões de segurança. Nós temos que ver as outras questões, que são as do desenvolvimento, as do bem-estar das populações, as do combate às moléstias que, hoje, por exemplo, dizem a África, como a Aids.

Essas são as verdadeiras questões para as quais a comunidade internacional deveria estar preparada e às quais a agenda internacional deveria dar acolhida, ao invés de ficarmos, monotonamente, falando apenas em segurança, apesar de que eu reconheça os efeitos negativos do 11 de Setembro.

Eu acho que precisamos continuar insistindo numa agenda mais diversificada. É preciso que insistamos mais na equanimidade das trocas internacionais. Temos tratado de lutar o que podemos, para eliminar as barreiras que os países ricos impõem às nossas exportações, de forma que estamos buscando ter uma posição cada vez mais efetiva, nos mais variados campos do mercado internacional.

Aqui já foi dito, mas a verdade é que o Brasil avançou bastante em matéria agrícola. A nossa produção aumentou consideravelmente. A produção de grãos, no Brasil, quase dobrou em 10 anos, portanto a exportação de grãos é disponível, isso para não falar, também, dos manufaturados, inclusive manufaturados de alto valor agregado, como automóveis e aviões, e dos celulares, enfim, equipamentos mecânicos. Avançamos bastante nessa matéria.

Mas nós precisamos, por causa da abrangência e da densidade da nossa pauta, trabalhar mais. E, aí, vamos precisar muito do espírito empresarial e desta Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. É preciso que nós continuemos a contar com o esforço contínuo desta câmara.

Os pensadores clássicos já diziam que o comércio ajuda a temperar os ânimos, promovendo o entendimento e a concórdia. Dizia-se, no século XVIII, do *le douce commerce*, o comércio agradável, o comércio suave. E não por acaso há tantos políticos na comunidade árabe, porque fazem comércio. E quem faz comércio fala. E quem fala é quem vai mais depressa para o Parlamento. Parlamento quer dizer *parlare*, falar. É

preciso saber falar. É preciso ter a capacidade de socialização, encontrar o outro, conversar. E, portanto, a base dessa convivência e, de alguma maneira, a base da democracia, que é a civilidade, depende de que haja um comércio, também, mais ativo. E nós estamos fazendo o possível e o impossível para avançar o comércio do Brasil. E estamos conseguindo avançar.

Aqui, foram referidos dados a respeito da exportação deste ano. Se nós formos olhar a exportação, nos últimos 12 meses, são 7 bilhões de dólares. De modo que, quando se diz que não houve um avanço da exportação – e eu vejo tanta gente dizer uma porção de coisas, sem ver a realidade, sem ver os números –, não é verdade.

Em função das mudanças ocorridas, a exportação está, sim, aumentando, e aumentando continuamente, como convém ao nosso país. E está aumentando porque fomos capazes não só de avançar em termos tecnológicos, mas de produzir com uma base qualitativamente mais sofisticada. Não é que se produz mais, produzem-se outras coisas com melhor qualidade ou, às vezes, as mesmas coisas, mas com melhor qualidade, o que faz com que a produção aqui, hoje, necessariamente, tenha que ter um padrão global para poder ser exportada. Isso implica tecnologia, implica mão-de-obra treinada, implica engenheiros, implica universidade, implica o amadurecimento do País.

Mas nada disso será feito, se não houver empresários, se não houver quem se lance na aventura de tentar fazer conhecido e vender o que não era conhecido e não se comprava. Essa é a função dessas câmaras, da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. E essa função está avançando, está progredindo.

De modo que, ao vir aqui para dar esse abraço mais pessoal e direto na comunidade árabe de São Paulo e do Brasil, venho, também, para renovar a minha confiança nela e no próprio país. Eu acho que nós, hoje, estamos suficientemente maduros para entrarmos neste século em que estamos entrando com conhecimento do que estamos fazendo e do que falta fazer e com um rumo traçado.

E podem vocês ter certeza de que esse rumo não foi traçado pelo Governo. Foi traçado pela própria sociedade. Esse rumo foi traçado

pelas múltiplas comunidades que vivem no Brasil. E, nessas múltiplas comunidades, a comunidade árabe tem um papel absolutamente singular.

E, por isso, como Presidente da República, presto a homenagem de todo o Brasil a esta câmara e aos descendentes de árabes que são brasileiros.

Muito obrigado.